



FRAGMENTOS NA OBRA E NA VIDA: AS IDENTIDADES EM FUGA NA NARRATIVA DE ANTÔNIO TORRES

Clélia Gomes dos Santos
Instituto Federal Baiano (IF Baiano), Brasil.
Endereço eletrônico: clelia.santos@ifbaiano.edu.br

Ricardo Martins Valle
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil.
Endereço eletrônico: rimavalle@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A representação de sujeitos em condição de desterro tem sido largamente recorrente nas produções literárias contemporâneas. Na literatura como na sociologia, as temáticas vinculadas à migração – a representação dos problemas humanitários ligados aos grandes deslocamentos demográficos, ao desenraizamento de sistemas simbólicos tradicionais e os interstícios existenciais do não-lugar que os migrantes são obrigados a sucessivamente ocupar e desocupar, intimamente criando e a recriando sistemas de adaptação e conformação simbólica, por força de necessidades extrínsecas e intrínsecas aos sujeitos envolvidos – evidenciam algumas das condições desse cenário histórico. Se, por um lado, essa ordem de problemas não singulariza este momento presente do século XXI, mesmo porque os processos de diáspora e as grandes travessias de contingentes humanos acompanham o mito e a história de todas as humanidades conhecidas, tem por outro lado ganhado lugar cada vez mais central na percepção e problematização da condição humana no mundo e assim tem estado mais e mais presente nas representações da arte e especialmente na literatura.

Na literatura brasileira, desde o regionalismo romântico e depois naturalista do final do século XIX, o drama do retirante é tema que se tem reiterado até o final do século XX. Assim também é presente o drama dos que ficam, o descentramento daqueles que tendo resistido à “arribada” sofrem as consequências de sua permanência, sem que isso signifique alguma garantia de pertencimento, porque o mundo se transforma tão rapidamente e tende a se transformar de forma cada vez mais vertiginosa, e com isso arranca de sua pertença mesmo aqueles que não se evadiram.

Morando e trabalhando à beira da estrada, o seleiro Mestre Amaro, personagem



de José Lins do Rego, no romance *Fogo Morto* (1943), por não se adequar mais aos modos de produção do tempo de sua velhice, sente-se distante do lugar de origem e não vê sentido nos rumos do tempo presente; Macabéa, migrante nordestina no Rio de Janeiro, em *A hora da estrela* (1972), de Clarice Lispector, passa pela vida em semiconsciência de si e, incapaz de adaptar-se à cidade, “feita toda contra ela”, é a outra ponta dos deslocamentos humanos e das metamorfoses vertiginosas do mundo.

Assim, no Brasil, diversas são as narrativas de ficção em que a mobilidade forçada, posta por instabilidades econômicas, culturais e políticas, ou a estabilidade inquieta, revolvida pelos desajustamentos sociais se fazem representar. Todas elas apontam para questões como pertencimento e desenraizamento, problemática identitária resultante da diáspora sertaneja do nordeste brasileiro no século XX e a redefinição da identidade agenciada por novos contratos simbólicos no contato com culturas, linguagens, princípios e valores ideológicos diferentes. A partir dessas categorias conceituais, buscamos (1) *identificar a crítica literária produzida a respeito da obra do escritor Antônio Torres, considerando o contexto moderno e contemporâneo para a escrita em análise*, bem como (2) *elucidar por meio de fragmentos das obras o caráter instável das esferas narrativas de tempo e espaço como reflexo da condição de desterritorialização dos personagens e de sua conseqüente fragmentação identitária nos romances Essa Terra, O cachorro e o lobo e Pelo fundo da agulha*.

METODOLOGIA

Tendo um cunho teórico-crítico, e portanto histórico-bibliográfico, essa pesquisa ancora-se em estudos culturais e literários e em estudiosos que discutem temáticas relativas às identidades resultantes dos processos de mobilidade contemporânea e suas implicações na vida dos sujeitos, a saber Stuart Hall (2003), Zygmunt Bauman (2001), Homi K. Bhabha (2005), Nestor Garcia Canclini (2006), dentre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como parte de uma pesquisa em construção acerca das recorrências e metamorfoses da temática da fuga como condição humana nas narrativas de Antônio Torres, temos podido observar como a migração em seus desdobramentos na vida dos



sujeitos que se retiram de seus lugares de pertencimento premidos por necessidades e anseios materiais vão além de travessias geográficas e da transposição das condições econômicas e sociais que opõem o território de partida e o de chegada. Considerando que o sentido de pertencimento e o sentimento de inadequação levam a adaptações forçadas dos sujeitos submetidos às pressões materiais e simbólicas da migração, os referenciais de partida e de chegada podem inverter-se, confundir-se, anular-se, com que tais processos interferem na formação identitária dos sujeitos e grupos de sujeitos em questão.

Antônio Torres ambienta *Essa terra* (1976) e *O cachorro e o lobo* (1997) no Junco, cidadezinha do interior da Bahia. No primeiro, Totonhim assiste à volta do irmão Nelo da cidade de São Paulo, um vencido pela cidade grande que vem se suicidar na terra onde nasceu. No final, Totonhim, que amargamente permanecera na companhia dos pais, decide fazer o mesmo percurso com o intuito de construir uma outra história. O segundo narra a visita de um dia que Totonhim faz ao Junco, depois de vinte anos em São Paulo, por ocasião do aniversário de oitenta anos de seu pai e lá se depara com os fantasmas do passado e verifica que já não seria possível voltar a viver naquele lugar. Já o romance *Pelo fundo da agulha* (2006), ambientado em São Paulo, é um relato de crises vividas pelo mesmo personagem, depois de dez anos da efêmera visita a sua terra de origem. Acabara de se aposentar e amarga a dissolução dos laços de trabalho, amizade e família. São obras do regionalismo brasileiro que se inserem no contexto de uma “nova ordem mundial de mobilidade, de histórias sem raízes” (CLIFFORD *apud* WALTER, 2009, p. 33).

Nesse sentido, a migração pressupõe não apenas um ultrapassar de fronteiras. A esta mobilidade dos corpos humanos corresponde, sobretudo, o ultrapassar de valores, a superação irreversível de estágios de descentramento, desestabilizações sucessivas e forçadas adaptações. Os romances que formam aquilo que temos chamado *trilogia da fuga* são representação e tensionamento das dinâmicas da migração nordestina e seus desdobramentos, colocando em evidência a complexidade dos processos psíquicos, culturais e sociais na vida dos sujeitos. A trilogia de Torres, gestada ao longo de três décadas, é resultado de um fino trabalho de arte e de uma aguda percepção de intensidades da vida, para a qual os atores sociais representados nos romances são



muitas vezes também os atores sociais envolvidos na relação leitora. No início do século XXI, o autor retirante que a si representa sem aberta confissão já pode ser lido por sujeitos de origem nordestina marcados pela travessia física e simbólica da migração para o sul. Os personagens dos romances vivenciam conflitos oriundos da relativização do espaço, a partir da relação conflituosa entre campo/cidade/capital, apresentados de maneiras diversas e peculiares a cada um. Esse intercalar de espaços resulta de instantes memorialísticos, de fragmentos de vida de familiares do narrador e protagonista Totonhim, representados por rupturas, confusões, avanços e retornos temporais, dando novos contornos à constituição de suas identidades.

De acordo com Hall (2002, p. 9), um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX, fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que ilusoriamente temos de nós próprios como sujeitos integrados a ambiente sociais mais ou menos estáveis. Esta perda de “um sentido em si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Nas palavras de Hall (2000, p. 13)

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Assim, se o contexto formado pelas estruturas sociais, ideológicas, históricas e culturais está fragmentado, o sujeito também se mostra alterado conforme suas necessidades de adaptação. E os ambientes, sejam eles rurais ou urbanos não estão mais tão definidos; assim, o sujeito busca se identificar com determinadas referências simbólicas que assegurem estabilidade identitária, ainda que esta seja ilusória.

CONCLUSÕES PARCIAIS

A literatura de Torres, ao tratar a realidade dos excluídos, reconhecendo-os enquanto sujeitos ativos e pacientes de um drama histórico, traz a mobilidade geográfica



enquanto um fenômeno universal e propõe uma reconfiguração das justificativas da migração. Migrar passa a ser uma escolha, mas de natureza complexa, ao mesmo tempo livre e não livre. É nesse sentido fruto de um arbítrio individual e coletivo, decisão tomada, ao mesmo tempo, por causas e pressões materiais, mas sob o efeito de projeções utópicas, configurando um problema situado entre as necessidades da sobrevivência e os projetos de uma vida melhor. *Essa Terra, O cachorro e o lobo e Pelo fundo da agulha* tecem dramas pessoais entre identidades fragmentadas, divididas entre necessidades e ilusões, entre anseios e frustrações, numa obra de cunho regionalista mas inserida no complexo mundo contemporâneo, imbrincado de incertezas e instabilidades, permanências e impermanências.

PALAVRAS-CHAVE: Antônio Torres; Migração; Fragmentação Identitária; Literatura Brasileira.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam et al. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 23ª. edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

REGO, J. L. do. **Fogo morto**. São Paulo: Klick editora, 1998.

SARA MAGO, José. **A jangada de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



IIFSR



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

TORRES, Antônio. **Essa terra**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____, Antônio. **O cachorro e o lobo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____, Antônio. **Pelo fundo da agulha**. Rio de Janeiro: Record, 2006.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO